

Moção 55

Radicalizar: Todos à Luta de Classes

Quando Peter Thiel disse «*I no longer believe that freedom and democracy are compatible*» (eu já não acredito que a liberdade e a democracia sejam compatíveis) só nos informou educadamente que os nossos direitos o estão a estorvar. Três anos antes, em 2006, Warren Buffet, também multi-milionário mas de têmpera bem diferente, já nos havia avisado: «*there's class warfare, all right, but it's my class, the rich class, that's making war, and we're winning*» (podem crer que há guerra de classes, mas é a minha classe, a dos ricos, que a está a fazer, e estamos a ganhar). À Esquerda, há uma parte que já o sabia, porque nunca o esqueceu, e uma outra parte que não se convence, que não acredita por mais feridas que tenha à frente para meter o dedo.

O século XX começou auspicioso para o Grande Capital mas a partir dos anos 1930 foi-lhe desastroso. Os despertar das massas e o avanço do Comunismo Marxista tiraram-lhe a tranquilidade, a Grande Depressão rebentou-lhes subitamente os castelos-no-ar, as Grandes Guerras, que directa e indirectamente causaram, trouxeram-lhe uma imensa destruição de capital, à qual devem ter votado mais lamentos do que à trágica destruição humana — porque afinal para que hão-de servir os pobres se não para compor uma trincheira?

Sim, o século XX foi duro para a classe capitalista. Não a pontos de terem que preparar os seus próprios pequenos-almoços, evidentemente, mas tiveram que manter uma certa discrição. A narrativa de que têm mérito, porque são muitos produtivos, quando nunca ninguém os pôs à prova, por exemplo desafiando-os a cavar uma leira, é obviamente ridícula mas lá lhes foi ajudando a passar pelos pingos da chuva dos anos 1970 para a frente. Entretanto, com a implosão da URSS e com a consolidação da Esquerda “aceitável”, a sorte voltou a sorrir-lhes. Com o Capitalismo em super-nova e os ecossistemas nos últimos estertores, hão-de esturricar-se no seu lugar ao sol.

A Esquerda, ou melhor, a parte dela que é “aceitável” para os Grandes Poderes, entretanto dedicou-se à apanha da borboleta Secretamente impressionada com a Mitologia do Mercado, com vergonha pelos seus primos marxistas e anarquistas, lá aceitou legitimar a farsa em troca de um lugar à mesa. De espartilho neoliberal bem apertado nas costelas, lá foi exigindo um subsídio para aqui e outro para acolí, e talvez um impostozinho suplementar, que sempre dura até o gémeo à direita o revogar. A sua imaginação não concebe mais do que uma pletora de micro-soluções e suaves beliscadelas, que tudo junto equivale a esperar resolver o Aquecimento Global agitando um milhão de leques.

Enquanto a farsa se desenrolava no palco principal, a Esquerda perdia a sua base popular militante, substituída nas fileiras por académicos e políticos profissionais. Para esses, acaso fossem peixes, a Mitologia do Mercado seria a sua água, nadando nela sem nunca a ver. Alheios às provações das massas, que, graças às lutas do passado, viram ainda a sua qualidade de vida subir por mais algum tempo, dedicaram-se às micro-lutas, lutas justas e necessárias, mas lutas só para alguns. E sem dúvida conseguiram vitórias importantes.

Infelizmente, todas elas estão a ser contestadas pela Direita troglodita, que cavalga o ressentimento das massas, fiel exacerbador dos impulsos atávicos. E de que se ressentem elas? De serem tratadas como um rebanho, uma amálgama amorfa de seres humanos incompletos e sem rumo, em constante necessidade da orientação dos entendidos, como que destinados a seguir sem nunca fazer caminho, a saber de construção,

carpintaria, mecânica, etc, mas não de educação, saúde, justiça, economia, ou de política, nem sequer da política das suas ruas, onde nem as iluminações de Natal decidem. Até a etiqueta que o neoliberalismo lhes pendura na orelha, a que diz “actores racionais perseguindo o interesse próprio”, soa melhor.

Toleraram isso enquanto o seu nível de vida era relativamente bom, mas, agora que os fabulosos resultados trimestrais das corporações se fazem à custa da sua precariedade, não toleram mais. Pois é preciso voltar à Luta de Classes, à mudança que começa nas massas e acaba nos políticos, porque no sentido inverso só há diversos matizes de continuidade. É preciso contestar cada ângulo do sistema, denunciar cada vicissitude, derrotar a narrativa vigente. É preciso denunciar nas ruas cada alçapão legal, cada “jeitinho” aos do costume. É preciso questionar a santidade da propriedade privada dos meios de produção. É preciso escrever nas paredes o nome daqueles que não vivem do seu trabalho mas sim do trabalho dos outros.

Que não se entenda que a prioridade à Luta significa a desonra das outras lutas, mas não se ganham essas sem ganhar esta. Os Batida têm uma canção cujo refrão é «Não há branco, nem mulato, nem preto / O que há? Pobre e rico», e nunca se fez dançar ao som de palavras mais verdadeiras. As elites entendem-se muito bem na hora de explorar recursos, inclusive os recursos humanos, que é isso que neoliberalismo diz que somos. Os negreiros não teriam tido tanta facilidade em levar a ignomínia da escravatura de África às Américas se não fôra pela feliz parceria das elites europeias com as elites africanas. Ainda hoje essa mesma aliança assegura que as imensas riquezas do continente negro sejam a pobreza dos seus povos. E quando surge um líder que o conteste, logo os serviços secretos ocidentais, agindo pela calada da noite como bons assassinos, se asseguram de que a sua vida não seja longa.

Não, não precisávamos do Jeffrey Epstein para saber que as elites se conhecem bem e se entendem ainda melhor (só desconhecíamos a depravação de tantos deles). Além do misterioso Clube Bilderberg, há Davos, onde governantes e CEOs se sentam à mesma mesa de igual-para-igual, tu-cá-tu-lá, já para não falar que se esbarram nos átrios (ou *lobbies*) dos melhores hotéis do mundo, nos campos de golfe mais exclusivos, nas escolas mais pretensiosas. Até o acima citado Peter Thiel, que, note-se, pertence a uma minoria oprimida (é homossexual), tem o seu “Dialog”, onde se faz o “*matchmaking*” entre poderosos, e que em breve se reunirão de novo, desta vez para assistir à palestra “*Navigating WWII*” (Navegando a Terceira Guerra Mundial). Sim, eles entendem-se bem, e não deixam que minudências como etnias ou preferências sexuais se intrometam entre eles e o que realmente lhes interessa, o poder e o dinheiro, e também não é que a ascensão das elites globais coincida com o reaparecimento dos vampiros da guerra.

Pelas razões expostas acima, **o XVII Congresso do LIVRE determina que** os seus membros e dirigentes devem:

- Procurar compreender a fundo o sistema capitalista global que nos subjuga;
- Procurar compreender porque é que é possível haver pobres sem que haja ricos mas não é possível haver ricos sem que haja pobres;
- Procurar compreender a essência do Estado-nação, que à semelhança das outras formas de domínio que o antecederam, se resume à protecção da propriedade privada;
- Contestar o carácter sagrado da propriedade privada dos meios de produção;
- Recusar todas as vias que acabem com os pobres nas trincheiras;
- Ir aos bairros. Ouvir.

Proponentes

- Filipe Martins
- Mariana Campos Flor
- Ricardo André